

CANCIONEIRO

SR. MAR

Manhã de Abril e perfumada e loira...
O mar distende ainda os membros lassos.
De vago, o vago azul parece a espaços,
Mostrar-nos outros mundos que o Sol doira.

Sentado sobre a areia que se aloira,
Gentil pequeno, com seus deveis braços,
Constroi castelos de arrojados traços
Que sempre a vaga, brincalhona, estoira.

Aborrecido o pequenito enfim,
Ergue-se então e grita: «Sr. Mar,
Esteja quieto um bocadinho, Sim?»

O mar sorri dos votos infantinos,
E, meigo, paternal, a marulhar,
Beija-lhe os pés rosados, pequeninos..

Manuel Mantua.

A PROPOSITO DA GUERRA

O dever dos neutros — Como se fala da paz

(Conclusão)

No que respeita à intervenção dos neutros na lucta, — da Italia entre outros — é evidente que a guerra teria terminado mais depressa, se, como era do seu dever — não tinham todos garantido e prometido fazer respeitar a neutralidade da Belgica? — se tivessem todos levantado contra o agressor que tão deliberadamente violava as mais solenes promessas.

Mas era preciso contar com os diplomatas, os politicos, as suas combinações tortuosas e os seus apetites.

Essa gente não compreende uma guerra que tivesse por unico objectivo a defesa do fraco. Para eles, a guerra significa conquistas territoriais, despojos, indemnizações. Antes de tomar partido, é-lhes preciso saber de que lado está mais provavel a victoria.

Agora que a situação parece desenharse a favor dos aliados, o sentido de justiça dos neutros parece querer despertar. Daqui a pouco, é fatal, não poderão reprimir o seu ardente desejo de vingar — não tendo podido impedir os massacres e a devastação — os fracos e oprimidos.

Em face da complexidade dos problemas é impossivel dizer o que seria preferivel. Certamente, o imperialismo e o militarismo alemães, necessitam duma lição, devem ser abatidos como se abatem as feras. Certamente, quando as suas massas invadiram a Belgica, a Europa devia ter-se levantado contra o invasor, empurra-lo para o seu territorio e demonstrar ao povo alemão de que crime elle se tornava cúmplice, explicando-lhe que, cooperando para a servidão dos outros, era o seu proprio jugo que ele reforçava.

Actualmente é para desejar a intervenção dos neutros?

Uma linha de censura.

Se os neutros entrassem na lucta com o fim unico de a abreviar, estava bem. Enquanto os beligerantes lutarem com forças sensivelmente iguais, a guerra não fará senão eternisar-se, accumulando morticínios e ruínas. Quanto menos ela durar, menor será o numero de victimas e menor a area da devastação.

Mas se os neutros, para irem em socorro dos aliados, não tem outro motivo senão o de tomarem parte no banquete final, a sua intervenção não é para desejar. O aparecimento de novas cubijas não fazia senão complicar e envenenar a situação; e neste caso é muito melhor que elles se abstenham. Não sendo chamados a compartilhar do bolo, haveria mais probabilidades para que o sentimento de justiça fosse neles mais nitido, para que elles se sentissem mais inclinados a oporem-se

a partilhas de que não beneficiavam. Mas que se pode dizer? Quem sabe se eles não mercadejaram já a sua neutralidade?

Os estadistas ingleses, pelas suas declarações publicas, varias vezes repetidas, empenharam-se, com a sua honra, a respeitar os direitos do povo alemão, jurando que não faziam uma guerra de conquista, mas de defesa.

Alem disso existe na Inglaterra uma opinião publica que, sendo preciso, saberá lembrar-lhes as suas promessas. Mais vale que não tenham de lutar com um numero maior de tubarões que tão numerosos são já.

Neste momento, intervenção ou não, já isso está decidido. O que nos compete, a nós, é levar a opinião a compreender que se deve opôr a injustiças, que se dee levantar contra uma paz que não fosse senão um festim.

É preciso que redobremos de esforços para que o vencedor compreenda que respeitar os direitos de cada um é a melhor das politicas. E isso, só uma forte opinião publica o pode fazer ouvir aos que na ocasião forem os vencedores, que só o são porque a opinião até agora nunca soube fazer-se ouvir claramente e sobretudo nunca soube falar bastante alto.

É preciso que a paz que se fizer liberte enfim as nações oprimidas, de todo o jugo estrangeiro; que fiquem livres de escolher o regimen politico que mais lhes convier, livres para fazerem parte de federações da sua escolha; que enfim, renunciando ao sistema de aliaças e contra-aliaças, os diplomatas nós deem a federação dos povos, pela qual tantos pensadores lutam ha seculos.

Anatole France, acaba de dirigir a uns amigos russos, a seguinte carta:

«Amigos:

Esta guerra, que nós não quizemos, fala-emos até ao fim, proseguindo na nossa terrível e benéfica obra, até á sua completa execução, até á destruição completa do poder militar da Alemanha.

Amamos demais a paz para a consentirmos suspeita, falsa ou debil; queremo-la grande e forte, segura dum elevado e longo futuro. Disse-o desde o começo da guerra e não me cançarei de o repetir: a paz, essa paz tão cara, tão preciosa, é criminoso desejar-la, criminoso clamar por ela antes de se terem desfeito as forças de opressão que pesam sobre a Europa ha mais de meio seculo, antes de se ter preparado o reinado augusto do direito.

Até lá só devemos falar pelas bocas dos canhões.

É preciso que tantos heroes não tenham morrido em vão. A nossa hora, a hora da justiça está proxima. A liberdade de combate conosco; o triumpho é certo.

Abril de 1915. (Bataille Syndicaliste, 2-5-915).

O congresso internacional feminino de Haya (Holanda) votou a seguinte ordem do dia:

«Nós, mulheres, pertencentes a diversos partidos, confissões ou nacionalidades, reunidas neste congresso, sentimos uma grande simpatia pelos sofrimentos de todos que, sob o peso da guerra, trabalham e luctam pela patria, sem distincção de nacionalidades, porque todas os povos empenhados na guerra actual, estão persuadidos de que esta guerra não é uma guerra de agressão, mas unicamente empreendida para a deteza da sua existencia nacional.

Nós, mulheres, reunidas em congresso internacional, apelamos para todos os governos do mundo, para que ponham fim á efusão de sangue e encetem negociações para a paz.» Decidiu-se que esta ordem do dia tivesse por titulo: «paz pela justiça.»

O jornal conservador *Gazetta de Colonia*, de 29 d'abril, publica a nota seguinte:

«Escrevem-nos da linha de batalha, que diversas personalidades se ocupam neste momento da paz. A sua situação politica, religiosa, scientifica ou economica, dá importancia á sua iniciativa. Designam-se nomes de personagens, alguns dos quaes, que são estrangeiros, soam duma maneira muito agradável aos nossos ouvidos. Recomendamos a maior reserva quanto a estas iniciativas, por causa do seu proprio sucesso, pois necessitamos duma paz que dispense os nossos filhos de recomeçarem uma aventura tão horrorosa.»

Como vai «isto»

A politica nacional entrou numa fase, que — ou nos enganamos muito, é decisiva para a marcha das coisas publicas.

Já estão em Portugal todos ou pelo menos, os principais caudilhos e chefes dos movimentos monarchicos. Estes rejubilam ou parece que rejubilam com a orientação da politica nacional. Os republicanos dos varios partidos, uns atacam declaradamente o governo, outros pouco lhes falta para o fazerem.

O governo parece resolvido a não querer saber dos partidos e a andar por si só apoiado na força militar, que está muito os-

sivamente — iamos a dizer demais — a seu lado.

Toda a gente declara não perceber coisa alguma do que se passa, o bom burguês está por tudo contanto que lhe deem ordem e progresso... nos negocios e pergunta-se por toda a parte: aonde irá isto parar?

Para uns, isto quer dizer o lugar que se ocupa; para outros, quer dizer o partido a que se pertence; para outros, significa as intuições, a vida economica, e até para alguns, senão para muitos, significa o país.

E o povo, o operariado, que pensa elle de tudo isto? O que significa isto, para elle? Ai está uma pergunta á qual é mais difficil responder do que á primeira vista parece.

A' volta do mundo

Quarta, 28

Espanha — As autoridades proibem o congresso revolucionario internacional pela paz, que devia inaugurar-se depois de amanhã em Ferrol.

Italia — Diz-se em Roma que a direcção do partido socialista resolveu desistir da greve geral para o caso da mobilisação,

Quinta, 29

Portugal — No deposito de cervejaria Jansen, entre a rua do Alecrim e a rua Antonio Maria Cardoso, em Lisboa, rebenta uma bomba — não se sabe se monarquica, se que —, matando um homem e ferindo dois outros.

— Em Evora dão-se tumultos por causa da dissolução da camara municipal.

Sesta, 30

Portugal — Em Tancos, durante um exercicio militar de engenharia explunde um forninho, morrendo tres cabos e quatro soldados e ficando ferido um tenente.

Sabado, 1 de maio

Portugal — Manifestações operarias em Lisboa, Porto, Coimbra, Almada e outras terras, visando a carestia da vida, a guerra europeia e a amnistia aos presos por questões sociais.

— E' publicado um decreto, dando como expiada a pena de Joaquim Francisco, um dos «presos por questões sociais».

Espanha — Manifestações operarias em Madrid e outros pontos.

Domingo, 2

Portugal — Realizam-se a primeira e segunda sessões do 1.º congresso da União Republicana (partido unionista).

— Os democraticos abrem a campanha eleitoral, por meio de comícios e conferencias em diferentes terras.

Corrigindo

Por lapso, a composição que publicámos no «Cancioneiro» do ultimo numero, saiu sem o respectivo titulo — *O primeiro de maio*.

Deixariamos de falar aos nossos melhores amigos, se soubessemos o que muitas vezes dizem de nós na nossa ausencia.

La Boche Foucauld.